

A Definição Terminológica em um dicionário de Libras

Terminological Definition in a Libras dictionary

José Marcos Rosendo de SOUZA (UERN)
jose.marcos@uece.br

Edmar Peixoto de LIMA (UERN)
professoraedmar@gmail.com

Recebido em: 18 de ago. de 2020.
Aceito em: 24 de set. de 2020.

SOUZA, José Marcos Rosendo de;
LIMA, Edmar Peixoto de. A Definição Terminológica em um dicionário de Libras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 143-162, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp2032.

Resumo: O reconhecimento linguístico das Línguas de Sinais, em 1960 e, mais recentemente, no Brasil, assegurou a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em 2002. Por meio deste reconhecimento, ocorreram significativas mudanças nas áreas científicas que envolvem o estudo da língua, como, por exemplo, o registro de sinais-termo. Assim, a Libras passa a ser objeto de estudo das diferentes ciências da linguagem, sobretudo da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que elege como objeto investigativo o comportamento linguístico das unidades terminológicas e, por isso, acreditamos que nela há espaço para o estudo das unidades pertencentes à Libras. Sob este viés, o presente trabalho objetiva analisar a Definição Terminológica (DT) dos sinais-termo, registrados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (DLSB), principalmente no que se refere à organização e à redação dos enunciados que constituem a definição dos sinais-termo das Plantas Medicinais em Libras. Esta investigação se justifica pela necessidade de o usuário compreender de que forma estes sinais-termo são definidos, considerando os preceitos da TCT, sem desconsiderar os aspectos

culturais e funcionais que compõem a língua. Os resultados preliminares indicam que o DLSB proporciona muitas contribuições para as áreas de estudos do léxico e da Libras, contudo ainda se constitui em um espaço carente no sentido de se observar os termos sob a lente da DT. Em suma, as discussões tratadas neste trabalho propiciarão algumas reflexões sobre o processo de construção das definições nos dicionários, embora muitas questões terminológicas ainda necessitem de maiores aprofundamentos em pesquisas vindouras.

Palavras-chave: Definição Terminológica. Dicionário. Libras.

Abstract: The linguistic recognition of Sign Languages in 1960 and, more recently, in Brazil, ensured the officialization of the Brazilian Sign Language (Libras), in 2002. Through this recognition, significant changes occurred in the scientific areas that involve the study of that language as, for example, the registration of sign-terms. Thus, Libras becomes an object of studies in different language sciences, mainly in the Communicative Theory of Terminology (CTT), which chooses as object of investigation the linguistic behavior of the terminological units and, therefore, we believe that there is space in this theory for studying the units belonging to Libras. Under this bias, the present work aims to analyze the Terminological Definition (TD) of the sign-terms registered in the Brazilian Sign Language Dictionary (DLSB), mainly with regard to the organization and writing of the statements that constitute the definition of the sign-terms of Medicinal Plants in Libras. This investigation is justified by the need of the user to understand how these sign-terms are defined, considering the precepts of CTT and the cultural and functional aspects that make up the language. The preliminary results indicate that the DLSB provides many contributions to the areas of study of the lexicon and Libras, however it still constitutes a needy space in the sense of observing the terms under the lenses of the TD. In short, the themes discussed in this paper will provide some reflections about the process of building definitions in dictionaries, although many terminological issues still need to be further explored in future researches.

Keywords: Terminological Definition. Dictionary. Libras.

Introdução

A primeira abordagem linguística envolvendo uma língua de modalidade visuoespacial data da década de 1960. Desenvolvida pelo americano William Stokoe, tinha a pretensão de identificar a estrutura interna das unidades lexicais da *American Sign Language* (ASL). Essa perspectiva de estudos possibilitou inúmeras investigações em torno das Línguas de Sinais, em diferentes países, sobretudo no Brasil.

Por conseguinte, a partir da década de 1990, emerge o interesse por uma língua de sinais nacional e, graças aos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores de diferentes campos, a Libras alcançou sua oficialidade em abril de 2002, pela Lei 10.436 e pelo Decreto 5.626, de dezembro de 2005. Esses dois preceitos legais consistem em um marco histórico e, até os dias atuais, mudanças significativas ocorreram nas áreas científicas que envolvem o estudo dessa língua, principalmente na Linguística.

A Libras é concebida enquanto língua natural e utilizada em diferentes esferas do conhecimento. Por esta razão, elegê-la como objeto de estudos se configura em uma temática pertinente para as ciências da linguagem, de modo geral e, especialmente, para os estudos terminológicos, uma vez que a Terminologia estuda o comportamento linguístico das Unidades Terminológicas (UT) pertencentes às áreas especializadas. Por isso, a Terminologia, sobretudo a vertente da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), consiste nos fundamentos teóricos de base para se observar o repertório terminológico que circula na Libras, principalmente no que se refere à definição das Unidades Terminológicas em Libras (UTL).

Diante disso, indagamos: de que forma a Definição Terminológica (DT) é materializada no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (DLSB), no que se refere à organização e à redação dos sinais-termo¹ pertencentes ao repertório vocabular das Plantas Medicinais? Objetivamos com este trabalho analisar a DT de sinais-termo registrados no DLSB (CAPOVILLA *et al*, 2017), principalmente, no que diz respeito à organização e à redação dos enunciados que constituem a definição.

A pesquisa se justifica pela necessidade de compreendermos o repertório terminológico que compõem as Plantas Medicinais na Libras e acreditamos que aliar os estudos da TCT ao campo científico dessa língua consiste em uma interface proveitosa tanto para as ciências do léxico quanto para o entendimento da terminologia que circula na própria língua. Salientamos, portanto, que estudos terminológicos com esta perspectiva, no Brasil, ainda datam do século XX e a Libras ainda é uma área que necessita de muitas pesquisas com foco no processo de organização e sistematização dos itens lexicais que a constituem.

Para tanto, visando atender ao nosso propósito neste trabalho, adotamos a pesquisa bibliográfica, por permitir o acesso ao repertório de pesquisas que envolvem a TCT; centramo-nos, principalmente, nos postulados sobre a Terminologia defendida por Cabré (1993) e nos diálogos estabelecidos com Finatto (2002) e Krieger e Finatto (2017) acerca da DT.

Com relação aos desdobramentos metodológicos, é oportuno ressaltar que selecionamos as DT dos sinais-termo que fazem referência às Plantas Medicinais. A opção por esta área de estudos ocorre pelo fato de, anteriormente, já termos desenvolvido uma pesquisa com enfoque na análise das UT da Libras e, na ocasião, sentimos a necessidade de compreender como se organizam as definições no DLSB.

¹ Termo usado por Enilde Faulstich para designar, na Língua Brasileira de Sinais, unidades terminológicas de áreas técnico-científicas nessa língua.

A escolha pelo dicionário supracitado se deve ao fato de que ele é um dos poucos compêndios que registra a Língua Brasileira de Sinais. Salientamos que, tomando por base os aportes teóricos que fundamentam os produtos terminológicos², o DLSB não é considerado uma obra terminológica, mas, por sua diversidade lexical, em termos de registro, é possível localizar nele diferentes tipos de objetos estudados pela TCT, como é o caso das fraseologias, dos sinais-termo e, por conseguinte, das DT.

É oportuno ratificar que os sinais-termo são unidades lexicais próprias de determinada área técnico-científica, mas que, dada a possibilidade de uso, podem estar presentes tanto no léxico geral quanto no léxico científico³. Sendo assim, acreditamos que a DT dos sinais-termo das Plantas Medicinais não pode ser concebida como definição lexicográfica, dada a especificidade técnico-científica impressa nas unidades terminológicas registradas no DLSB.

Assim sendo, o nosso trabalho está dividido em dois tópicos principais: o primeiro, que trata da Definição Terminológica sob a perspectiva da TCT, por isso, inicialmente, discutimos algumas especificidades dessa ciência e, em seguida, apontamos a DT como objeto de estudo; o segundo, que retrata o diálogo estabelecido entre a base teórica delimitada para a investigação e as análises das DT do DLSB.

Princípios teórico-terminológicos

A Terminologia⁴ é uma área científica que tem como principal objeto de análise os termos veiculados em áreas especializadas. É um campo de conhecimento que assume uma função primordial na sociedade atual com o advento da evolução científica e tecnológica. O interesse por este objeto de estudo ganhou espaço no campo das ciências da linguagem somente a partir do século XX, com o VII Congresso Internacional de Linguística. A partir deste evento, pensou-se na reconfiguração dessa área e passou-se a incluir as referências de base extralinguística (KRIEGER; FINATTO, 2017).

² Glossários, dicionários técnico-científicos, bancos de dados terminológicos e sistemas de reconhecimento automático de terminologias (KRIEGER, 2006).

³ Compreendemos como Léxico Geral o conjunto de palavras que são usadas em situações corriqueiras, no cotidiano da atividade humana e, contrapondo-se a esse, o Léxico Científico usado em diferentes áreas das ciências, logo em contextos específicos de comunicação.

⁴ O termo terminologia, de acordo com Krieger e Finatto (2017), é entendido sob duas concepções: em referência ao conjunto de termos específicos de uma área do conhecimento – terminologia (t minúsculo); e em referência ao campo de estudos dedicado aos termos técnico-científicos – Terminologia (T maiúsculo).

As autoras supracitadas salientam que o campo de estudo da terminologia apresenta dois eixos principais, a saber: A Teoria Geral da Terminologia (TGT) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). O primeiro eixo marcado pelos esforços do austríaco Eugênio Wüster (1898–1977), que, na década de 1930, fundamentou as bases da Escola Terminológica de Viena e fundou a Teoria Geral da Terminologia (TGT) (BARROS, 2004).

Essa vertente teórica tinha como enfoque o ideal de que a língua científica estaria imersa em um princípio monolíngue e, com base nisso, a abordagem do austríaco centrava-se na prescrição. Podemos afirmar que a TGT tentava unificar ou homogeneizar as terminologias, pois se o intuito era a prescrição, essa era pensada por um viés normativo próprio de um contexto socioeconômico que carecia da padronização terminológica (CABRÉ, 1993), para facilitar a “[...] a transferência de tecnologia e o intercâmbio de informações [...]” (MACIEL, 2007, p. 372) entre países aliados.

De acordo com Maciel (2007), a normatização proposta por Eugênio Wüster levava em conta um momento histórico, em que as línguas não estavam tão próximas, quando comparadas às de hoje, isto é, dado o advento da globalização e o aparato tecnológico, podemos dizer que a língua está em uma grande “Pangeia Linguística”. Logo, aquele contexto contribuiu para o desenvolvimento de um estudo que primou pela padronização terminológica.

Naquele cenário, segundo Cabré (2010, p. 367, tradução nossa),

O modelo que adotaram os cientistas séculos atrás para garantir a univocidade em suas trocas comunicativas, mediante a criação de uma nomenclatura científica independente das línguas reais, pode ter sido uma possível forma de trabalho para a uniformização da terminologia técnica⁵.

Ainda de acordo com a autora, o intento de Eugênio Wüster permitiu que a TGT se desenvolvesse em três direções:

- A criação de um centro de informação internacional sobre terminologia, tendo como objetivo coletar trabalhos terminológicos em todas as línguas dos países industrializados;
- A criação do selo ISO de um comitê específico para a terminologia que regulasse a atividade de elaboração de dicionários e vocabulários do âmbito tecnológico;

⁵ “El modelo que habían adoptado los científicos en siglos anteriores para asegurar la univocidad de sus intercambios comunicativos, mediante la acuñación de una nomenclatura científica independiente de las lenguas reales, podría haber sido una posible vía de trabajo para la uniformización de la terminología técnica.” (CABRÉ, 2010, p. 367).

- E na elaboração de uma teoria terminológica com base na prática normalizadora⁶ (CABRÉ, 2010, p. 368, tradução nossa).

Na contemporaneidade, o cenário com relação ao intercâmbio de conhecimento especializado é totalmente diferente daquele em que se desenvolveu a TGT, pois, como dissemos, com o advento, principalmente, da tecnologia e com a globalização, é imprescindível notar que o cenário científico passou por reconfigurações, o que ocasionou verdadeira profusão vocabular decorrente da aproximação linguística entre diferentes nações. Assim, na Terminologia, as mudanças socioeconômicas, sociopolíticas e tecnológicas provocaram alterações suficientes a distanciando dos princípios monovalentes estabelecidos pelo modelo clássico, fundado por Eugênio Wüster (1998). Diante deste contexto e de acordo com Cabré (1993), nos últimos anos, essas modificações afetaram tanto a vertente prática da Terminologia quanto a teórica.

Por meio dos posicionamentos da pesquisadora podemos compreender que a desconstrução teórica se refere principalmente o caráter monovalente construído por seu antecessor, logo, a ciência terminológica passa a ser compreendida de modo tríplice: linguística, filosófica e comunicativa, que incidem diretamente na compreensão dos termos, fraseologias e outros *corpora* referentes àquela ciência.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), como o segundo eixo apresentado por Krieger e Finatto (2017), insurge como a vertente teórica que nos permite analisar o repertório de uma área de estudos “[...] considerando: os aspectos pragmáticos que circundam a comunicação especializada” (LIMA, 2017, p. 61). Sob essa perspectiva, os termos pertencentes a uma área de estudos são compreendidos com as mesmas especificidades das palavras que pertencem ao Léxico Geral, como, por exemplo, as possibilidades de processos de formação e as questões de variação existentes na língua. Nesse sentido, o estudo do repertório terminológico de uma área deve contemplar a situação comunicacional, rejeitando o modelo de léxico idealizado e priorizando a inter-relação entre a área especializada e os termos que compõem o texto e o próprio cenário de comunicação.

⁶ “* en la creación de un centro de información internacional sobre terminología, con el objetivo de recopilar los trabajos terminológicos en todas las lenguas de los países industrializados;
* en la creación en el seno de la ISO de um comité específico para la terminología que regulasse la actividad de elaboración de diccionarios técnicos y el vocabulario propio del ámbito, y
* en la elaboración, a partir de la práctica normalizadora llevada a cabo, de una teoría de la terminología que fundamentase esta práctica.” (CABRÉ, 2010, p. 368).

Nesse sentido, Cabré (1993) afirma que a Terminologia nos remete a três concepções: como Disciplina – uma matéria que tem como foco os termos especializados; como Prática – é o conjunto de princípios que visa coletar termos; e como Produto – é o conjunto de termos de determinada especialidade ou área do conhecimento.

Com base nesta compreensão, os estudos em Terminologia não se centram unicamente na padronização terminológica, pois a área apresenta diretrizes e caminhos diversificados, incluindo-se nela a análise de termos, a fraseologia e a definição. Assim sendo, centramos nossa atenção à Definição Terminológica (DT) como objeto analítico com a finalidade de traçar algumas diretrizes que nos possibilitem alcançar o objetivo pretendido com a presente investigação.

Inicialmente, partimos do princípio proposto por Finatto (2002) quanto ao papel importante que a DT desempenha na área das ciências, tendo em vista que a definição é responsável por veicular conhecimentos especializados, tecnológicos e científicos.

Com base nisso, inferimos que elaborar uma definição não se consubstancia em uma tarefa simplória, considerando que o terminólogo lidará com a mobilidade de diferentes conhecimentos para realizar a ação definitória e, necessariamente, precisará construir um objeto do ponto de vista da ciência, foco da investigação.

De modo mais específico, Finatto (2002, p. 74) afirma que

[...] definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber técnico, científico ou tecnológico.

É perceptível que definir apresenta relação direta com o fazer terminológico, uma vez que esta ação tende a se desenvolver com base na ideia da representação dos objetos de dada área técnico-científica.

Sendo assim, a ação de elaborar uma DT, enquanto atividade inerente ao registro terminológico, por exemplo, também apresenta suas distinções. Por isso, Finatto (2002) nos alerta que os enunciados definitórios podem surgir de diferentes objetos, perspectivas, propósitos de estudo e filiação teórica. Todavia, ainda segundo a autora, a partir dos estudos já desenvolvidos, as DT podem ser classificadas em terminológicas, lexicográficas, lógicas, explicativas, entre outras.

As classificações principais, terminológicas, lexicográficas, lógicas e explicativas foram definidas por Krieger e Finatto (2017, p. 92) do seguinte modo:

A definição terminológica (doravante DT) é reconhecida como aquela que mais se ocupa de termos técnicos-científicos. A definição lexicográfica, por sua vez, é compreendida como aquela que mais se ocupa de palavras. A definição lógica, de um outro modo, estabelece um valor proposicional de verdade, enquanto as definições explicativas ou enciclopédicas contêm informações variadas sobre um dado objeto da realidade.

Desse modo, a partir do que postulam as autoras, é possível compreender que cada definição, a depender de certa área de estudo, apresenta suas especificidades, principalmente no que se refere à composição. Isto é, considerando que as definições são enunciados-textos, esses apresentam uma composição prototípica, ou até mesmo uma estrutura específica. A nosso ver, o que distingue estes enunciados é a temática do campo de estudo ao qual pertencem.

Finatto (2002) especifica que existem elementos comuns e distintos presentes no enunciado-texto e nomeia essa estrutura comum, que, segundo ela, pertence a todas as definições de categorias basilares e as classifica como **Gênero Próximo** e **Diferença Específica**.

Gênero próximo é a porção da definição que expressa a categoria ou classe geral a que pertence o ente definido. A *diferença específica* é a indicação da(s) particularidade(s) que distingue(m) o ente definido em relação a outros de uma mesma classe. (FINATTO, 2002, p. 75, grifos da autora).

Com base nesses pressupostos teóricos, podemos compreender que a definição deve comportar tanto o gênero próximo quanto a diferença específica ou a definição seria o produto dessas duas categorias. Krieger e Finatto (2017, p. 93) afirmam que

Para haver uma boa formulação da definição, é praxe reconhecer como importante que tanto o gênero quanto a diferença deem conta, juntos, de uma delimitação, de tal modo que a definição possa ser aplicada a um conjunto específico de entes.

Finatto (2002) afirma que essas categorias são compreendidas como “padrões absolutamente rígidos”, contudo permanecem-se sendo tomadas como caminho para a elaboração de enunciados que possam definir termos e serem entendidos. Se tomarmos os enunciados definitórios enquanto entidades textuais, inferimos que para analisar estes enunciados é necessário considerar os aspectos relativos ao contexto, ao falante e aos objetivos pretendidos com a construção textual.

Então, o gênero próximo e a diferença específica consolidam o todo da DT, cuja definição também é apresentada por Pavel e Nolet

(2002) ao afirmarem que a definição de um termo deve iniciar por uma palavra que marca a generalidade seguido de aspectos distintivos. Nas palavras das estudiosas, a ação de definir

Começa com uma palavra que identifica a classe mais ampla o **genérico** a que pertence o conceito, especificando seguidamente os traços ou características essenciais ou distintivas que diferenciam claramente o conceito em questão do resto de conceitos relacionados dessa mesma classe. (PAVEL; NOLET, 2002, p. 24, grifo das autoras).

Além dessas especificações, que comportam a Definição Terminológica, as autoras ainda afirmam que as características que distinguem os conceitos são de dois tipos: quando intrínsecas, referem-se à natureza, ao material ou ao tema que trata o conceito; e quando extrínsecas, reportam à função ou ao modo que operam, à origem, ao destino e ao referente (PAVEL; NOLET, 2002).

Desse modo, compreendemos que a DT deve eleger um elemento “guarda-chuva” que represente o termo e, em seguida, elencar os aspectos que os distingam de outras unidades terminológicas. Por isso, concordamos com Finatto (2002), ao afirmar que estas informações também se tornam imprescindíveis para uma boa elaboração de definições, pois na visão da autora estes

São aspectos fundamentais para a qualidade do enunciado-definitório, a adequação à situação comunicativa, objetividade e a consistência como texto. Por isso, conforme as regulamentações ISO, definições incompletas, tautológicas, circulares ou aquelas que ‘começam pelo fim’ devem ser evitadas. (FINATTO, 2002, p. 81).

Além dessas especificidades, Finatto (2002) ainda complementa que a DT precisa estabelecer uma ligação entre um termo, um conceito e um significado, isto é, o enunciado definidor acaba comportando conhecimento suficiente para construir um termo. E, implícito à definição, podemos observar “[...] tanto a linguagem quanto o conhecimento especializado num processo de evolução e alteração, evidenciando a DT como elemento de sustentação tanto para as terminologias quanto para as linguagens especializadas em geral” (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 95).

Quanto a isso, é importante também apresentar os tipos de redação que podem formular a DT. Para tanto, Pavel e Nolet (2002) postulam que, além do modelo Gênero Próximo e Diferença Específica, ainda é possível seguir outros modelos de redação como: Definição por

função, Definição por descrição de uma ação, Definição por paráfrase sinonímica.

Dada as especificidades na elaboração da Definição Terminológica, as autoras ainda aconselham que o processo de reformulação deva considerar alguns princípios, tais como:

Previsibilidade: a definição insere o conceito em uma **árvore conceitual**.

Simplicidade: a definição é concisa e clara, e é construída por apenas uma frase.

Enunciado afirmativo: a frase diz o que é o conceito, não o que não é.

Não circularidade: a definição não remete à outra definição que, por sua vez, remete de novo à primeira.

Ausência de **tautologia**: a definição não é uma paráfrase do termo, mas uma descrição dos **traços semânticos** do conceito. (PAVEL; NOLET, 2002, p. 26, grifos das autoras).

São notórias as especificidades que comportam as DT, tendo em vista que elas podem ser analisadas a partir de enfoques mais estruturais ou redutores; ou serem acomodadas em enfoques mais textuais, ampliando-se, assim, as possibilidades analíticas no campo das terminologias. Contudo, acreditamos ser imprescindível às pesquisas desta natureza os postulados dos autores apresentados neste tópico, tendo em vista que, como bem vimos, a Definição Terminológica comporta saberes que precisam estar bem organizados para atingir os objetivos dos consulentes. No tópico a seguir, analisamos as DT que definem os sinais-termo registrados no DLSB, do campo científico das Plantas Medicinais.

Princípios analíticos da Definição Terminológica dos sinais-termo

Conforme vimos no tópico anterior, a Definição Terminológica (DT) é uma parte do repertório das pesquisas relacionadas à Terminologia de grande relevância para as áreas investigativas, por apresentar especificidades próprias do texto técnico-científico, isto é, os enunciados que comportam as DT são responsáveis por veicular determinado tipo de saber expresso nas diferentes esferas das ciências.

Sendo assim, pretendemos com esta seção analisar a DT de sinais-termo registrados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, principalmente no que se refere à organização e à redação destes enunciados. Salientamos que nesta parte do artigo objetivamos

relacionar as abordagens teóricas apontadas no tópico anterior, com base nos princípios organizacionais apresentadas por Krieger e Finatto (2017); Pavel e Nolet (2002) e Finatto (2002), tais como:

- Gênero Próximo e Diferença Específica;
- Adequação Comunicativa;
- Consistência Textual;
- Objetividade.

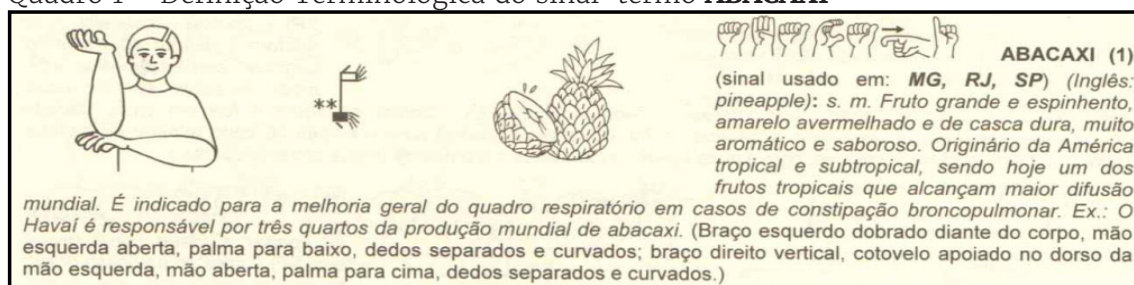
Identificamos um total de 18 Unidades Terminológicas em Libras (UTL) que se referem ao campo científico das Plantas Medicinais. Dessas, selecionamos 5 para análise e foi utilizada a concepção adotada por Grandi (2014) ao afirmar que são espécies de plantas nativas ou não que apresentam potencial medicinal-curativo, logo são usadas para diferentes tratamentos fitoterápicos.

No DLSB, é possível encontrar os sinais – unidades linguísticas – que são usadas no cotidiano e os sinais – termo – unidades terminológicas – que pertencem a determinada área científica. Conforme vimos em Cabré (1993), as terminologias, do ponto de vista da TCT, são “móveis”, pois elas podem transitar do Léxico Geral para o Léxico Científico e vice-versa.

A presença da diversidade de unidades léxicas pode se relacionar ao fato de que os autores do dicionário não informam o público destinatário da obra. Todavia, dada a materialidade linguística, no sentido de que é um produto que apresenta mais unidades linguísticas do que terminológicas, acreditamos que o dicionário não seja direcionado a um público específico de uma área e, portanto, seja uma obra que atenda às necessidades de um consulente da língua de uso comum.

Com base nisso, inferimos que as DT devem ser elaboradas pelo lexicógrafo ou terminógrafo seguindo os princípios apresentados anteriormente, considerando que o público a quem se destina necessita compreender mais facilmente os saberes veiculados em cada definição. Contudo, essa imprevisibilidade, no que se refere ao público-alvo, pode comprometer o processo de elaboração das definições, uma vez que nem todo consulente compreende da mesma forma as informações que são veiculadas.

Desse modo, para iniciar nossa análise tomamos a materialidade presente na DT do verbete **ABACAXI**, conforme pode ser vista no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Definição Terminológica do sinal-termo **ABACAXI**

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 48).

A DT elaborada para o sinal-termo **ABACAXI**, presente no dicionário e representada no quadro 1, inicia-se com “um termo genérico”, conforme postula Pavel e Nolet (2002). Isto é, o início da definição é marcado pelo uso da expressão “fruto”, o qual denominamos de “guarda-chuva”, tendo em vista que ele representa a classe a qual pertence o objeto a ser definido.

Nesse caso, o sinal-termo **ABACAXI** é marcado no campo lexical de Fruto (gênero próximo), e a partir dele são apresentados elementos e traços distintivos que o diferenciam de outras espécies de frutos. Logo, percebemos na definição outras informações, como “muito aromático e saboroso”, o que atribui ao termo definido outros elementos de identificação, além da origem geográfica – “América tropical e subtropical” – e sua aplicação fitoterápica – “a melhoria geral do quadro respiratório em caso de constipação broncopulmonar” (diferença específica).

Inferimos então que a categoria genérica, no caso da DT analisada, pode ser definida como gênero próximo a que pertence o sinal-termo, já que indica a “categoria ou classe geral” (FINATTO, 2002) do sinal-termo **ABACAXI**. As informações adicionadas a ele são denominadas de diferença específica, pois o distinguem particularmente dentre outros frutos.

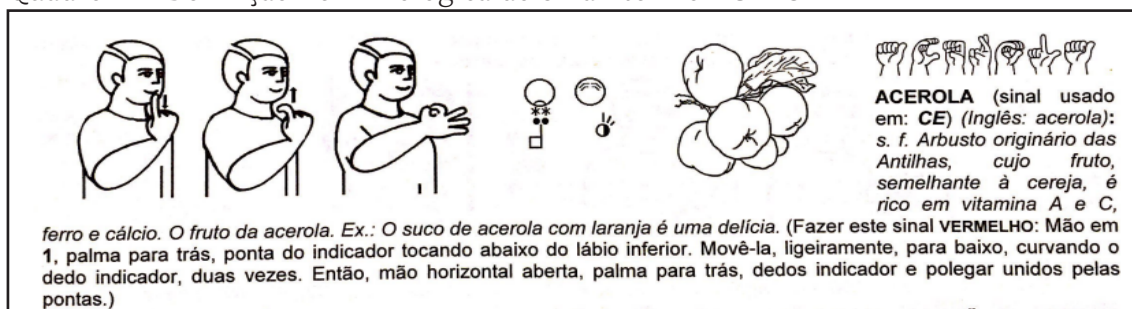
Além disso, o item lexical **ABACAXI** apresenta como DT uma porção textual que nos motiva a percebê-lo como pertencente ao universo dos objetos de estudos da Terminologia, uma vez que, conforme é possível notar no terceiro enunciado do quadro 1, quando afirma ser o abacaxi “indicado para a melhoria geral do **quadro respiratório em caso de constipação broncopulmonar**”. Essa expressão é própria do campo científico da medicina, logo, o verbete analisado nos permite afirmar que a definição é organizada de modo que contemple tanto aspectos terminológicos quanto lexicográficos, embora para este trabalho tenhamos como foco de observações somente as questões terminológicas que são acionadas no enunciado-texto.

Esta “marca”, que faz referência ao campo científico, a nosso ver, assume a função de um marcador comunicativo. Isto é, por ser uma expressão própria de uma área de especialidades, inferimos que o produtor do dicionário recorre a ela com a finalidade de adequar-se ao público que pretende atender com o dicionário. Todavia, lembramos que a definição do público-alvo não está expressa nas páginas iniciais do compêndio e, tampouco, sua classificação terminológica ou lexicográfica. A falta da textualização dessas informações no dicionário pode acarretar discrepância no quesito **adequação comunicativa**, pois não sabemos a quem de fato se direciona a obra.

Ainda sobre a referida DT, podemos inferir que ela apresenta consistência textual, contudo desrespeita o quesito **simplicidade**, apresentado por Pavel e Nolet (2002), tendo em vista que as autoras sugerem que o enunciado definatório deva respeitar o tamanho apenas de uma frase. Além disso, há incongruência, pois suas características remetem a um dicionário de uso comum (direcionado a um público leigo), mas apresenta conhecimentos técnicos de determinada área científica.

Após as discussões sobre a definição do sinal-termo **ABACAXI**, passamos a observar o que revela o dicionário sobre a DT do sinal-termo **ACEROLA**, no quadro 2.

Quadro 2 – Definição Terminológica do sinal-termo **ACEROLA**



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 81).

A definição do sinal-termo **ACEROLA** apresenta distinção quanto ao tipo de redação, por tratar de outros aspectos sobre o elemento definido. Conforme é possível perceber, a DT também apresenta o gênero próximo que marca a categoria geral do sinal-termo a ser definido, no entanto, é marcado pela classe genérica **arbusto**. A diferença específica é construída pelas características: origem geográfica (“originário das Antilhas”), semelhança com outros frutos (“semelhante à cereja”) e sua composição química (“rico em vitamina A e C, ferro e cálcio”).

Além disso, a DT ainda apresenta uma segunda definição, pois na sua constituição há um outro enunciado que busca definir aquele sinal-termo. Essa segunda definição é classificada como uma “Definição por Paráfrase Sinonímica” (PAVEL; NOLET, 2002), ou seja, é uma expressão que remete e tem valor de sinônimo do sinal-termo, no caso, é “O fruto da Acerola”.

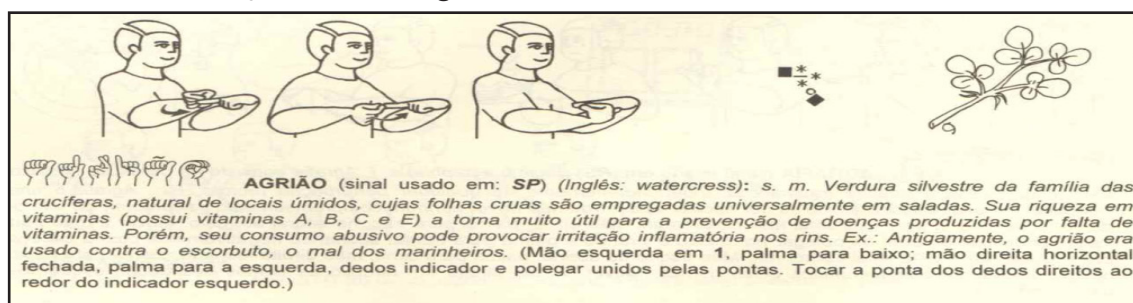
Diante do exposto, podemos inferir que a DT em análise rompe com dois princípios abordados por Pavel e Nolet (2002): o primeiro se refere à noção de simplicidade, uma vez que o verbete se constitui de dois enunciados independentes que comportam a mesma definição do sinal-termo. Esse tipo de formulação é característica, principalmente, de definições lexicográficas, pois comumente para cada palavra-entrada são apresentadas várias acepções. Nesse sentido, podemos inferir que a definição presente no quadro 2 é lexicográfica.

Além disso, ainda identificamos que o enunciado definatório do sinal-termo **ACEROLA** fere o princípio de ausência de tautologia. É necessário ratificar que enunciados-definitórios não devem apresentar redundância, tendo em vista que devem ser claros. Contudo, ao averiguar esse princípio, percebemos que o enunciado apresenta equivalência por sinonímia, pois os dicionaristas fizeram uso de uma paráfrase do sinal-termo. E, conforme salientam Pavel e Nolet (2002), a definição terminológica não é uma paráfrase, mas uma descrição dos traços semânticos do conceito.

No que se refere à adequação comunicativa, identificamos alguns traços no enunciado que nos motivam a inferir que a obra pode ter como público-alvo um consulente que se interessa pelo tema da Química ou da Biologia. Ou seja, ao afirmar que a acerola é um arbusto originário das Antilhas, cujo fruto, semelhante à cereja, é rico em **vitamina A e C, ferro e cálcio**, o dicionarista expõe conhecimentos técnico-científicos de outras áreas para tentar esclarecer melhor o elemento definido. Acreditamos que essas expressões fazem parte das ciências denominadas de Química e Biologia e, nessas áreas, é possível identificar o campo das Plantas Medicinais.

Assim, a definição do sinal-termo **ACEROLA** transita entre uma DT e uma Definição Lexicográfica. No entanto, afirmamos que, embora a definição apresente estas diferentes tipologias, é possível atender ao objetivo a que se propõe o verbete, que é informar ao consulente as características do fruto e conceituá-lo. De modo semelhante, a definição do sinal-termo **AGRIÃO** é construída com características similares, vejamos no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Definição Terminológica do sinal-termo **AGRIÃO**



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 130).

A definição apresentada no quadro 3 é composta por três enunciados definitórios, os quais comportam diferentes especificidades do sinal-termo em análise. Desse modo, conforme identificamos anteriormente, esse tipo de construção rompe com o princípio de **simplicidade**, considerando que a DT deve ser elaborada em torno de um enunciado e apresentar clareza na definição.

Além disso, com base nesta análise é possível perceber que a redação da definição se distancia do que está posto em Finatto (2002). A autora supracitada, ao mencionar as sugestões da *International Organization for Standardization* (ISO), afirma que comentários, intercalações e explicações acessórias devem ser evitadas, uma vez que o enunciado-texto precisa ser o mais claro e conciso possível, visando atender às necessidades do consulente no que se refere à compreensão do termo definido.

Nesse sentido, acreditamos que o enunciado “sua riqueza em vitaminas (possui vitaminas A, B, C e E) a torna útil para prevenção de doenças produzidas por falta de vitaminas. Porém, seu consumo abusivo pode provocar irritação inflamatória nos rins” (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 130), são informações explicativas e pouco satisfatórias para a definição do sinal-termo **AGRIÃO**, logo precisam ser evitadas, quando se referem à DT.

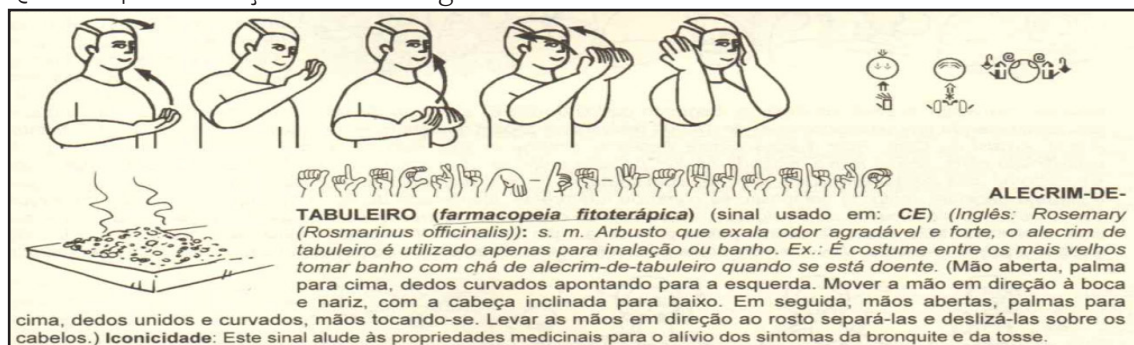
No que concerne a **adequação comunicativa**, podemos inferir que o enunciado definitório apresenta certas inadequações ao apresentar “marcas” que sinalizam um público que conhece informações técnicas da área da botânica e conhecimentos fitoterápicos, conforme pode ser visto nos destaques a seguir:

Verdura Silvestre da família das crucíferas, natural de locais úmidos, cujas folhas são empregadas universalmente em saladas. Sua riqueza em **vitaminas (possui vitaminas A, B, C e E)** a torna útil para prevenção de doenças produzidas por falta de vitaminas. Porém, seu consumo abusivo pode provocar **irritação inflamatória nos rins**. (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 130, grifos nossos).

As informações em destaque nos remetem a um contexto comunicativo que exige do consulente conhecimentos outros para compreender o que são: verdura silvestre da família das crucíferas, vitaminas e irritação inflamatória nos rins. Acreditamos que o conhecimento científico presente nessa definição impossibilita ao consulente, de um dicionário de uso comum, compreender a definição do sinal-termo **AGRIÃO**.

Diferentemente das definições já analisadas, a que se refere ao sinal-termo **ALECRIM-DE-TABULEIRO** parece-nos mais adequada aos princípios de redação exigidos para elaboração de definições terminológicas, pois o enunciado definitório apresenta mais especificidades, conforme pode ser vista a seguir, no quadro 4:

Quadro 4 – Definição Terminológica do sinal-termo **ALECRIM-DE-TABULEIRO**



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 145).

A definição exposta no quadro 4, sobre o sinal-termo **ALECRIM-DE-TABULEIRO** é construída com base nas especificações teóricas de Finatto (2002), pois apresenta, a nosso ver, como **Gênero Próximo**, a categoria arbusto e a **Diferença Específica** é marcada pelos aspectos que o distinguem de outras plantas da mesma categoria, como, por exemplo, **exala odor agradável e forte**.

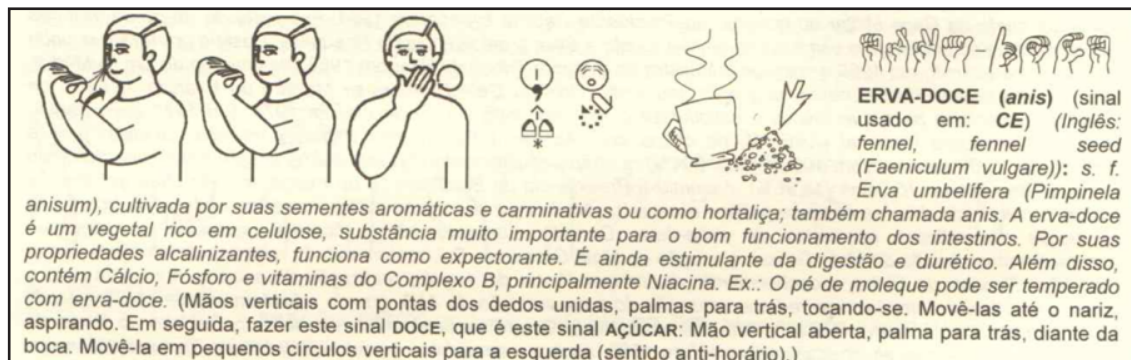
Todavia, mesmo que seja possível identificar esse aspecto estrutural, acreditamos que essa definição é do tipo **Definição por Função** (PAVEL; NOLET, 2002), isso porque o conceito a ser representado no enunciado remete ao uso do objeto que foi definido, conforme pode ser visto em destaque: “Arbusto que exala odor agradável e forte, **o alecrim de tabuleiro é utilizado apenas para inalação ou banho**” (CAPOVILLA et al., 2017, p. 145, grifos nossos).

Além dessas características estruturais, parece-nos que a definição apresenta consistência textual e objetividade. Quer dizer, ela atende aos dois princípios defendidos por Pavel e Nolet (2002),

por estar dentro de uma cadeia textual marcada por previsibilidade, simplicidade, enunciado afirmativo, não circularidade e ausência de tautologia; exigências estas consideradas necessárias à redação de uma adequada Definição Terminológica (PAVEL; NOLET, 2002).

Feitas estas considerações, apresentamos a definição do sinal-termo **ERVA-DOCE**, a qual pode ser averiguada no quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Definição Terminológica do sinal-termo **ERVA-DOCE**



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1114).

Conforme podemos perceber na definição presente no quadro 5, a DT apresenta cinco enunciados definitórios, por esse motivo é visível a ausência do critério de **simplicidade**, conforme postulam Pavel e Nolet (2002). Para as autoras, uma definição satisfatória deve ser redigida em apenas uma frase.

Além da ausência desse princípio, ainda identificamos certa **circularidade**, pois a definição remete a outros enunciados, considerando que é apresentado outro conceito, conforme pode ser visto no destaque: “**Erva umbelífera** (Pimpinela anisum), cultivada por suas sementes aromáticas e carminativas ou como hortaliza; também chamada de anis” (CAPOVILLA et al., 2017, p. 1114, grifos nossos). O conceito identificado na redação remete a outro conceito – Erva Umbelífera, logo se distancia do que propõem Pavel e Nolet (2002) ao se referirem ao princípio de não circularidade, ou seja, uma definição não deve se referir a outro conceito.

Ainda com base nos pressupostos teóricos da Terminologia e nos objetos de estudos elencados para este trabalho, podemos identificar marcas comunicativas de um possível público destinatário, atentando que a definição aciona termos específicos de diferentes áreas científicas, como, por exemplo: Erva umbelífera, sementes aromáticas e carminativas; celulose, substância muito importante para o funcionamento dos intestinos; propriedades alcalinizantes, funciona como expectorante e dentre outros. Acreditamos

que essas marcas se relacionam à adequação comunicativa que trata de um possível consulente mais experiente e conhecedor de certa área do saber.

Desta feita, os preceitos analíticos revelam algumas especificidades identificadas na organização e na redação definitiva dos sinais-termo do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil elencados para este trabalho. Em seguida, expomos as nossas considerações finais sobre os resultados da investigação.

Considerações finais

A Teoria Comunicativa da Terminologia apresenta diferentes desdobramentos quanto à seleção de objetos de estudos. Dentre eles, a Definição Terminológica, que tem conquistado espaço no campo dos estudos dos itens lexicais, pois concentra saberes específicos das áreas técnicas e científicas. Por isso, objetivamos analisar o tipo de enunciado presente na definição dos sinais-termo das Plantas Medicinais registrados no DLSB, com a finalidade de destacar algumas observações que proporcionem ao leitor a compreensão do processo de elaboração de uma DT que atenda aos propósitos do consulente de um dicionário.

Assim, debruçamo-nos sobre a materialidade das definições de cinco sinais-termo em Libras, principalmente no que se refere à organização e ao tipo de definição que são mobilizados pelo dicionarista na obra. Nossos posicionamentos tomaram por base o aparato teórico de autores da área como Pavel e Nolet (2002), Finatto (2002), Krieger e Finatto (2017).

Com as análises e considerando o referencial teórico delimitado para esta pesquisa, foi possível perceber algumas imprecisões, sobretudo, no que se refere à redação das definições. Além do mais, atentando à adequação comunicativa do enunciado-texto, podemos inferir que há algumas inadequações, pois o dicionário não textualiza a quem se dirige a obra. Por esta razão, a nosso ver, o fato de não determinar o público-alvo, o verbete apresenta certa interferência na elaboração de definições dos sinais-termo, comprometendo o entendimento do termo definido, uma vez que apresenta alto nível de tecnicidade e nem sempre um usuário da língua comum consegue compreender estes preceitos.

Acrescentamos ainda que classificar o DLSB não é uma tarefa fácil. Encontramos dificuldades nesse processo classificatório, embora não tenhamos como objetivo principal fazê-lo, mas consideramos necessário estabelecer parâmetros analíticos para observar a obra. Nesse sentido, não é possível afirmar se estamos diante de um

dicionário terminológico ou de uma obra de uso comum, uma vez que, o dicionário apresenta uma variedade de objetos terminológicos. Vale destacar que não percebemos nesta variedade de objetos nenhum problema que diminua o caráter valorativo do dicionário, mas que, aos olhos dos terminólogos, a obra apresenta diversificadas possibilidades investigativas.

Além disso, ao analisarmos as definições, notamos que elas variam quanto ao tipo: lexicográfica ou terminológica, pois, mesmo se tratando de unidades terminológicas, algumas delas, como é o caso da definição para o sinal-termo **ACEROLA**, apresentam mais aspectos de definição lexicográfica do que de Definição Terminológica. Ademais, o posicionamento do dicionarista também pode ter relação com o público-alvo geral a quem a obra se destina ou ainda pelo fato de ele tentar atender aos diversos consulentes e de áreas diferentes do conhecimento.

As análises demonstram que há imprecisões na redação das DT, pois podemos identificar a ausência de simplicidade, a não circularidade e a ausência de tautologia, exigências necessárias para elaboração de DT adequadas do ponto de vista terminológico. Além do que, elas variam quanto ao tipo, pois ora são construídas a partir do Gênero Próximo e Diferença Específica, ora são do tipo Definição por Função. Sendo assim, consideramos essas discussões pertinentes pelo fato de provocar algumas reflexões com relação ao enunciado-texto que compõem o dicionário e por acharmos ainda que é preciso acionar os pressupostos teórico-terminológicos no processo de organização e de sistematização dos itens lexicais de uma área, de modo a evidenciar e contribuir, possivelmente, para a elaboração da Definição Terminológica.

Para suprir essas imprecisões quanto à adoção de um modelo para DT, sugerimos que a elaboração dos enunciados-definitórios tenha como base, principalmente, os aspectos que se referem ao gênero próximo e à diferença específica. Sendo assim, a redação para o sinal-termo ABACAXI, por exemplo, poderia adotar como DT apenas o seguinte enunciado-definidor: “[marcações próprias da Libras, apresentados no dicionário] s. m. Fruto grande e espinhento, amarelo avermelhado e de casca dura, muito aromático e saboroso.”

Por enquanto, e na crença de que conseguimos concluir as inquietações propostas neste trabalho, encerramos as discussões delimitadas, embora saibamos que o assunto possibilita inúmeras investigações no devir, considerando que a Libras é uma língua ainda pouco estudada, sobretudo sob o viés da Terminologia.

Referências

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. Norma y Normas em terminologia: concepto, tipología y justificación. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. IV. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

CAPOVILLA, C; RAPHAEL, W. D; TEMOTEO, J. G; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FINATTO, M. J. B. O papel da definição de termos técnicos-científicos. **Revista da ABRALIN**, v. 1, n. 1, p. 73-97, jul. 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52704/32405>. Acesso em: 30 jul. 2020.

GRANDI, T. S. M. **Tratado das Plantas Medicinais**: mineiras, nativas e cultivadas. Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014.

KRIEGER, M. G. Terminologia técnico-científica: políticas linguísticas e MERCOSUL. **Ciência e Cultural**, v. 58, nº 2, São Paulo. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200017 Acesso em: 30 jul. 2020.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, E. P. **Abordagem terminológica nas veredas teóricas da argumentação**: uma investigação sob a perspectiva da variação denominativa. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

MACIEL, A. M. B. Quais são os rumos da terminologia no século XXI. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de terminologia**. Adaptação para a língua portuguesa por Enilde Faulstich. Canadá: Public Works and Government Services, 2002.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría General de la Terminología y la lexicografía Terminológica**. Barcelona: Documenta Universitaria, 1998.